

Reunião ordinária do Conselho Municipal de Políticas Culturais

Aos nove dias do mês de agosto, do ano de dois mil e vinte e um, às dezoito horas e trinta minutos, reuniu-se o Conselho Municipal de Políticas Culturais em reunião ordinária, na Sala Mário Lago, participaram da reunião o Presidente da Fundação Cultural de Jacarehy, Guilherme Mendicelli, o Diretor de Cultura, Fábio Perinotto, o Diretor de Eventos, Elton Rivas, o Diretor Geral, Marcelo Carvalho Lima, os assessores da Fundação Cultural, Rúbia Muttini, Natalee Neco e Agenor Alves, do representante da Comissão de Educação, Cultura e Esportes da Câmara Municipal de Vereadores, Agnaldo Dias, do representante suplente da Secretaria de Educação, Bruno Vilagra, da suplente da comissão de música Rosina Moliterno Vicente, a representante da Comissão Setorial de Artes Visuais, Patrícia Taís de Aquino Marques e sua suplente Glauca Rodrigues Faria Veloso, da representante da Comissão Setorial de Literatura, Maria Aparecida Alves, a representante da Comissão Setorial de Culturas Populares, Luciana Aparecida Marinho Santos, o representante da Comissão Setorial de Capoeira, Marcos Sampaio, do representante da Comissão Setorial de Artes e Culturas Urbanas, Roberto Ferreira dos Santos e o representante da Comissão Setorial de Audiovisual, Luiz Gustavo Brasileiro e seu suplente Nikolas Araújo da Silva e do representante da comissão setorial de artes urbanas, Roberto Ferreira dos Santos. Da sociedade civil somente a representação do Setorial de Artes Cênicas esteve ausente, porém a suplente Flaviana justificou avisando o Diretor de Cultura. Guilherme Mendicelli iniciou a reunião cumprimentando a todos e explicando porque a reunião agendada na Câmara Municipal não pode ser realizada nesta data e informou o reagendamento da mesma para o próximo dia trinta, às dezoito horas, porém com participação limitada em virtude das restrições da pandemia e aproveitou para esclarecer que o formato a ser apresentado na reunião será definido por cada setorial, desde que respeitem o tempo de cinco minutos e sugeriu que os setoriais aproveitem para mostrar aos vereadores o que cada setorial desenvolve, as principais dificuldades enfrentadas, para que possam conseguir apoio. Prosseguindo a reunião, Guilherme passou a tratar da segunda pauta da reunião, a substituição da ex conselheira, Michele que solicitou desligamento e perguntou se alguém se candidataria para assumir a vaga da vice-presidência do Conselho e ninguém se manifestou, então Guilherme passou para a pauta seguinte e disse que no final retomaria o assunto, e pediu então que Fábio apresentasse a proposta de oficinas de formação cultural que serão desenvolvidas no próximo quadrimestre. Fábio iniciou a apresentação informando que serão gastos

aproximadamente sessenta mil reais de setembro a dezembro para o desenvolvimento de cerca de quarenta oficinas e a expectativa de contratação direta de trintaicineiros, que serão contemplados todos os setoriais e Guilherme interveio comentando que na lei orçamentária anual para o próximo ano havia um gasto estimado de oitenta mil reais, esse valor já foi majorado para cento e vinte mil reais, e a ideia não é investir somente em formação cultural com oficinas pontuais, mas sim em implantar um Programa mais duradouro, oferecendo formação com mais consistência. Fábio retomou a palavra explicando que as oficinas terão início somente em setembro em virtude das tratativas com oficinairos, espaços parceiros e também para se ter tempo hábil para divulgação e inscrições, falou ainda que elas acontecerão em diversos espaços e bairros da cidade como por exemplo, Parque Meia-Lua, Veraneio Ijal, Jardim Pedramar, Pagador de Andrade, Nova Jacareí, Santo Antônio da Boa Vista, Flórida, Bandeira Branca, Cidade Salvador, entre outros. Quanto à diversidade etária, o foco deste ano de dois mil e vinte não será para a infância e crianças, mas sim jovens-adultos até a terceira idade, alinhados inclusive com programas da prefeitura, para além da cultura. Fábio continuou expondo as oficinas e modalidades e Roberto questionou onde a yoga se encaixa em uma oficina ligada à Fundação Cultural? E Guilherme explanou que ela entra no contexto de cultura de paz, como a dança circular, e Fábio acrescentou que esta é uma demanda que costuma existir no município. Luciana perguntou se não há nada de culturas populares prevista e Fábio respondeu que nesse momento o que conseguiram foi capoeira, em virtude da documentação, pois muitos oficinairos dessa expressão não possuem a documentação exigida por lei, e que para Culturas Populares o melhor caminho não seria contratações diretas de oficinairos, como este modelo aqui exposto, mas um outro projeto, em que nele se contemplasse diversas formações das culturas tradicionais populares. Sampaio inferiu dizendo que crê que tem capoeira e outras culturas populares também, e Fábio confirmou e disse que existe um problema burocrático para contratação de profissionais que estejam legalizados para contratações diretas, como é o caso dessa modalidade de Oficinas. Sampaio comentou que está na hora de dar um lapidada para não ficar batendo sempre na mesma tecla e Fábio explicou que para contratação de serviços é necessário seguir as legislações. Rosina também se manifestou dizendo que na categoria música quinze aulas não dá para ensinar nada, geralmente as crianças que entram na oficina não é por vontade própria, mas por escolha dos pais e não é feito nenhum tipo de teste de aptidão, ela acha que é aplicar um dinheiro que não terá retorno, e reafirmou que é necessário dar uma filtrada para que o dinheiro investido seja para coisas que dê retorno artístico para a cidade. Guilherme novamente tomou a palavra e explicou que não é o formato ideal mesmo, porém, este momento tem a intenção de estimular retomadas e ao mesmo tempo promover a introdução e aproximação de pessoas leigas com algumas artes e culturas,

e Rosina defendeu que haja oficinas de qualidade e que deem retorno para fazer o bem à criança. Fábio explicou, novamente, que estas oficinas não são para crianças e que o intuito é estimular o contato, a troca, entre jovens e adultos e terceira idade. Rosina argumentou que oficina de música de qualidade é a Orquestra Sinfônica, uma ótima escola e que as oficinas deviam ter a mesma qualidade. Guilherme então reafirmou que esse não é ainda o plano de formação ideal, mas sim tem outros objetivos para estes poucos meses de dois mil e vinte e perguntou se teriam alguma sugestão? Sampaio disse que o que a Rosina falou cabe para todas as oficinas, elas tem que ter qualidade para surtir efeito. Tomando a palavra, Agnaldo se manifestou dizendo que, como já foi falado por Guilherme e Fábio esse plano não é o ideal, mas o objetivo é retomar as atividades e propiciar o retorno, e prosseguiu sugerindo que a Fundação definisse um rol de atividades artístico-culturais que delimitem seu campo de atuação e que este seja submetido à apreciação do Conselho, de forma consultiva, e qualquer alteração que venha a ser feita, como por exemplo ampliação ou redução de oficinas, também seja apreciada pelo Conselho. Maria Aparecida também se manifestou perguntando se havia alguma previsão de oficina de contação de histórias e Fábio a respondeu dizendo que terá para pessoas que queiram também contar histórias, porém não serão atividades para crianças frequentarem. Luciana novamente pediu explicação a respeito do que Fábio comentou sobre demanda, pedidos para que se realize oficina de yoga, pois quer saber como se dá isso e disse que acredita que ela se encaixaria melhor na Secretaria de Saúde ou Assistência Social. Fábio disse que “demanda” no sentido que faz anos que ocorre via Fundação Cultural, não é uma questão de agora, não há novidade, já ocorreram há tempos. Fábio relatou, inclusive, que Lian Gong, por exemplo, também era feito pela Fundação Cultural, mas que com o tempo se conseguiu com que ficasse só com Esportes, uma vez que já há servidora desta outra secretaria da prefeitura que lida com tal prática, diferente da Yoga, ao menos por enquanto. Guilherme novamente disse que entende o desconforto por ser uma prática que é transversal com mais de um setor da sociedade. Roberto perguntou quando terminar a oficina de yoga, qual será o legado? Bruno também se manifestou dizendo que é preciso perguntar se as oficinas estão contribuindo para a formação continuada. Roberto disse que não estava criticando, até porque é a primeira vez que a Fundação apresenta as oficinas aos conselheiros. Guilherme argumentou que yoga assim como dança circular, danças ancestrais são práticas e filosofia de vida e Luciana respondeu que dança circular tem produto e yoga não. Roberto também pontuou que quer entender quais os resultados das oficinas, pois quem dança não tem onde dançar, quem toca não toca mais, não tem continuidade com mostras, apresentações e atividades. Fábio falou que estes questionamentos são de cunho pedagógico e didático servindo para todas as oficinas em geral: quais os produtos, por exemplo, e reforçou que neste momento estas oficinas tratam de

um caráter de vivência ou aproximação e contato, visão retomada e esperança para dois mil e vinte e dois, e que no ano que vem, com um Programa de Formação é que dá para pensar cursos e oficinas em médio e longo prazo, pensar em outras graduações de introdução ou profissionalização. Guilherme mais uma vez falou que não acredita nesse tipo de oficina que desperta e não tem onde desenvolver, mas que pretende ter um plano de formação e se comprometeu em estruturar as oficinas com materiais para próximo ano e disse que tem a prerrogativa de escolher as oficinas. Sampaio disse que está na hora do conselho começar a trabalhar e apresentar o que deve ser cada oficina, viabilidade, culturas populares, e salientou que os conselheiros aprenderam a falar e irão questionar. Luciana criticou a resposta de Guilherme e pontuou que é por isso que ninguém quer ser conselheiro, porque eles aprenderam a falar, e não tem porque não ouvi-los, pois não estão no conselho para contrariar, pelo contrário é para construir juntos. Guilherme então pediu desculpas pela resposta e pontuou que é humano e disse que não está feliz com o desgaste que tem ocorrido no conselho e que está se pautando em regras, mas está cansado da forma agressiva como alguns do conselho estavam tratando o poder público. Dando seguimento a reunião, o conselheiro Agnaldo se retirou da reunião às 19h46, por motivos particulares e pediu que fosse registrado em ata. Após o debate sobre o melhor formato das oficinas, Fábio explicou como tem avançado os trabalhos do grupo sobre a revisão do Plano Municipal de Cultura e perguntou se todos concordavam em participar do encontro agendado para o próximo sábado, dia quatorze de agosto, no horário das oito horas e trinta minutos, às doze horas e trinta minutos, no Educamais Jacaré e todos concordaram e combinaram que se durante os trabalhos eles perceberem que irão necessitar de mais um dia para finalização do mesmo, irão marcar novo encontro ou informarão como se darão os desdobramentos sobre o Plano de Cultura. Guilherme retomando a pauta da eleição da vice-presidência do Conselho Municipal de Políticas Culturais deixado vago pela saída da Michele perguntou novamente se algum conselheiro se dispunha a compor o mesmo, passando a compor automaticamente também os Conselhos de Administração e do Fundo. Roberto solicitou mais informações a respeito, sobre o papel do conselheiro enquanto vice e após algumas considerações aceitou ser o novo representante até final de outubro, quando está prevista uma nova eleição em Conferência. Nada mais havendo a tratar, a reunião foi encerrada às vinte horas e quinze minutos, e eu, Marli Caldeira Aureliano lavrei a presente ata.